In Totum
Periódico de Cadernos de Resumos e Anais da Faculdade Unida de Vitória

A RELIGIÃO COMO INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO OU ALIENAÇÃO DO SUJEITO SOCIAL: A TEOLOGIA EM RUBEM ALVES

Joseane Zacché Avellar[*]

Toda a trajetória teológica de Rubem Alves está calcada em duas marcas: nos conhecimentos adquiridos a partir das suas leituras e na sua caminhada de vida pessoal por meio da religião, tendo em vista a origem doutrinária como base fundante da sua vida religiosa, bem como no Seminário Protestante, onde Alves começou a questionar-se sobre a sua fé religiosa. Embora ele não tivesse a intenção (e nem gostava) de se sentir agregado ao mundo academicista e científico por entender que os cientistas afirmavam os objetos estudados categoricamente (e Alves tinha horror às certezas), os seus escritos produzidos foram se tornando cada vez mais refletidos, espelhados e reproduzidos nas instituições acadêmicas.[1]

Rubem Alves é um "Ser" coração, porque vê a beleza subjetiva em todos os aspectos interligados à sua tradição religiosa, que ele mesmo denomina como erótica e herética, por se opor frontalmente aos dogmas cristalizados da religião enquanto instituição[2]. A teologia proposta e praticada por Alves está balizada no avesso do seu ser enquanto sujeito social[3].

Deus, para Alves, é qualificado como sendo o imenso vazio existente na sua alma[4]. Lá os seus desejos são libertos e se apresentam como esperança de que, no futuro, sejam encontradas, neste imenso vazio, as coisas amadas que o tempo se encarregou de levar[5]. A construção do seu Deus se edifica por meio da poesia e da música, não precisando de lugares sagrados e designados pela religião institucionalizada. Diante disso, Alves deposita no homem a sua condição de ser o seu próprio altar para que possa contemplar a presença de Deus, onde quer que possa estar situado no mundo[6].

Ao discorrer sobre como as ideias religiosas vão sendo refletidas no mundo dos sujeitos sociais e como a concepção de um Deus cujo sinônimo é o de "medo" vai sendo acomodada ainda na infância[7], Alves assim se expressa:

> As ideias religiosas não nascem das crianças. São colocadas no corpo das crianças pelos adultos. Minha mãe me ensinou a rezar: 'Agora eu me deito para dormir. Guarda-me, ó Deus, em teu amor. Se eu morrer sem acordar, recebe minh'alma, ó Senhor. Amém'. Resumo mínimo de teologia cristã: há um Deus, há morte, há uma alma que sobrevive à

---

[*] Joseane Zacché Avellar é Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória, Linha de Pesquisa Religião e Esfera Pública.

[1] CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. *A teologia de Rubem Alves:* Poesia, brincadeira e erotismo; Tradução Eleonora Frenkel Barreto. – Campinas, SP: Papirus, 2005.

[2] REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores…:* o pensamento teológico de Rubem Alves. – 2ª ed. rev. atual. São Leopoldo: Oikos, 2014. E-book. ISBN 978-85-7843-430-4.

[3] REBLIN, 2014.

[4] ALVES, Rubem. *O Deus que conheço* – 4ª ed. – Campinas, SP: Vênus, 2015.

[5] ALVES, 2015.

[6] ALVES, 2015.

[7] ALVES, 2015.

> morte. Depois vieram outras lições: 'Deus está te vendo, menino...' Deus vira um Grande Olho que tudo vê e me vigia. Meu primeiro sentimento em relação a Deus: medo.[8]

Para Alves, a Teologia deveria ser palavras que faz com que os sonhos se tornem visíveis por meio da poesia, da imaginação, da esperança e do sabor[9]. Por meio deste encantamento poético, erótico e herético, a teologia estaria sendo posta a serviço dos sujeitos sociais em gerar deuses capazes de nos amparar enquanto seres que clamam pela presença do invisível em nossos momentos de (des)esperança[10].

A Teologia enquanto encantamento erótico faz menção à reciprocidade do amor do homem vivido em sua plenitude consigo mesmo e na sua interação com outros homens, com Deus, com as coisas que circundam a natureza, com a vida e com a beleza existente no universo[11]. Enquanto encantamento herético, Alves seguramente intencionou se referir ao seu posicionamento teológico contrário a todo e qualquer dogma ou preceitos religiosos constituídos pelas religiões institucionalizadas[12]. Assim, Alves conclui o capítulo "Fora da beleza não há salvação" proclamando como único dogma da sua teologia cristã erótico-herética que "Fora da beleza não há salvação..."[13]

Compreendemos que a ruptura de Alves com a teologia tradicional ocorre no momento exato em que ele próprio afirma que, a partir do instante em que a sua teologia passa a ser poesia ela não precisa da existência de Deus para subsistir, conforme podemos considerar nesta passagem de Cervantes-Ortiz.

> A ruptura de Alves com a teologia tradicional pode ser mais bem compreendida na seguinte afirmação: "Minha teologia não precisa da existência de Deus. Por isso, deixou de ser teologia. Passou a ser poesia. Ela não prova nada. E nem quer. Somente anuncia Ausências, objetos para os quais a minha nostalgia se inclina".[14]

A este desencanto com relação à realidade eclesiástica que era talhada no seio da religião institucionalizada, Alves iniciou o seu percurso teológico movimentando-se no sentido de conceber e enxergar a teologia e a própria religião [...] "em outros espaços humanos.", conforme evidencia Cervantes-Ortiz.[15] Assim, a obra "A Teologia de Rubem Alves: poesia, brincadeira e erotismo" deixa clara, em sua introdução, que uma das suas intenções é exatamente a de [...] "demonstrar que o itinerário teológico, intelectual e espiritual de Rubem Alves [...] constitui uma via alternativa de desenvolvimento da teologia latino-americana, pois surge da matriz original do que se conhece como "teologia da libertação" [...][16].

As convicções religiosas de Alves são concebidas no sentido de projetar o homem como sujeito da sua própria história sem que, com isto, este mesmo sujeito social tenha de ser obrigado a se desfazer das suas concepções acerca do sagrado e dos mistérios da existência de Deus.

Assim como Deus é objeto de degustação, para Alves este mesmo Deus vê o mundo com os olhos de uma criança que está sempre à procura de alguém para brincar porque, para ele, as crianças têm experiências místicas que fazem com que o mundo seja visto como algo iluminado pela beleza[17]. Neste sentido a experiência mística aqui revelada tende a ser compreendida como

---

[8] ALVES, 2015, p. 28.
[9] CERVANTES-ORTIZ, 2005.
[10] CERVANTES-ORTIZ, 2005.
[11] CERVANTES-ORTIZ, 2005
[12] CERVANTES-ORIZ, 2005.
[13] ALVES, 2015, p. 31.
[14] CERVANTES-ORTIZ, 2005, p.28 apud ALVES. *"Sei que a vida vale a pena"*. Tempo e Presença 224, 1987, p. 27.
[15] CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 36.
[16] CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 28.
[17] ALVES, Rubem. *"Perguntaram-me se acredito em Deus"*. 22/08/2007. Disponível em:<http://www.institutorubemalves.org.br/escutatoria/>. Acesso em: 25 abr. 2017.

algo que transcende aquilo que os olhos cheios de saberes pré-concebidos são capazes de enxergar[18].

Deus é o reflexo, o espelho da nossa alma. Religião, por sua vez, é a saudade daqueles que foram exilados de si mesmos. Para Rubem Alves, a fé é uma relação de confiança com Deus e o grande problema da religião institucionalizada é exatamente a proibição do pensamento religioso em uma concepção voltada para o amor no que se refere a nos colocarmos no sofrimento do próximo enquanto nosso semelhante. Assim Alves concebe a religião institucionalizada como uma gaiola que aprisiona os pensamentos e os sentimentos do sujeito social[19].

Alves compara cada religião a um mosaico no qual os seus cacos são juntados de forma a invocar Deus como o protesto e o poder daqueles que vivem oprimidos. Assim, cada religião frutifica uma verdade absoluta sobre o seu Deus[20].

Religião, em Alves, é uma linguagem, um jeito de se falar sobre o mundo no qual habitamos e ali depositamos as nossas esperanças e desejos de que tudo faça um sentido a partir das construções que são exteriorizadas por meio das palavras. Sua concepção de religião está relacionada ao combate às injustiças sociais, econômicas e políticas do sujeito social enquanto criatura oprimida, sofrida, massacrada, sem voz e sem vez na sociedade de classes para que esse mesmo sujeito possa libertar-se das amarras sociais que o prendem e o engaiolam[21].

Os olhos do homem jamais viram a Deus exatamente porque Deus é a criação do homem. As religiões são organizações simbólicas do mundo social. Desta forma, a religião nasce como um protesto da criatura oprimida contra as injustiças sociais e econômicas. As pessoas religiosas sentem e pensam que o universo inteiro faz sentido, tornando a religião ilusão, ideologia para que, assim, as suas vidas possam fazer algum sentido. Historicamente, a ciência explica que as pessoas se ligam a alguma religião por questões afetivas e sociais[22].

Ao descrever as coisas com simplicidade, Alves persegue a beleza e, assim, descobre o fascínio pela poesia como uma forma de se harmonizar com a natureza e consigo mesmo. Ao estar em equilíbrio com a natureza, Alves se põe em oração e se rende aos cantos e encantos da sua religiosidade, provando e degustando cada saber, acompanhado do sabor por meio da definição de religião enquanto discurso da beleza que habita no coração do homem enquanto sujeito social[23].

Podemos contemplar que a religião no discurso alvesiano vislumbra a transcendência dos limites das fronteiras institucionalizadas nas concepções científicas e teológicas para que assim, e só assim, possamos beber, degustar, sentir o cheiro da fonte da sabedoria e transfigurar o mundo por meio de um olhar mais apurado e nos aproximar da visão da beleza em sua essência[24].

Por menos que a gente compreenda os mistérios da existência do Deus institucionalizado das religiões, somos seres que tendemos a crer que, com todas as adversidades que o mundo real nos impõe, confiamos na existência de uma força muito maior que nos sustenta e nos dá forças para seguir adiante no sentido de que possamos caminhar em direção àquilo que acreditamos, enquanto bem maior da essência do homem, ser o pilar da nossa sustentação: a nós mesmos como sujeitos responsáveis pelas nossas próprias ações.

Tecidas as considerações mais pertinentes, experienciamos convencionar que a fecundação sobre o tema religião em Rubem Alves perpassa pela concepção da crença enquanto instrumento orquestrado pela instituição religiosa, que conduz o sujeito social a desfrutar da sua fé em um Deus cujos poderes absolutos não pactuam com os ideais de liberdade, amor e esperança. Este Deus institucionalizado move estes mesmos sujeitos pelos caminhos da alienação e da conformidade no que se refere à posição que ocupam em uma sociedade de classes elitista e excludente. Assim posto, a crença religiosa institucionalizada conduz o sujeito a viver às sombras do oculto.

---

[18] ALVES, 2007.
[19] ALVES, 2007.
[20] REBLIN, 2014.
[21] REBLIN, 2014.
[22] ALVES, 2015.
[23] ALVES, 2015.
[24] CERVANTES-ORTIZ, 2005.

Rubem Alves nos submete a questionar, em um estilo sublime, sobre as dúvidas que pairam a respeito da existência de Deus e sobre o sentido da vida por meio da perspectiva da religião e como esta religiosidade poderá subsistir enquanto essência na vida do sujeito social por estar envolta aos avanços tecnológicos e científicos do século XXI.[25]

Propomos encerrar este diálogo com a concepção de religião em Alves ilustrada por Cervantes-Ortiz: "O Deus cujo olhar preenche o universo não é o monstro de tantos manuais dogmáticos. É um ser que quer ser visto com ternura, porque ele mesmo a oferece de mãos cheias, porque é o espaço vazio mais acolhedor que existe"[26].

REFERENCIAS

ALVES, Rubem. *O Deus que conheço* – 4ª ed. – Campinas, SP: Vênus, 2015.

_____. *"Perguntaram-me se acredito em Deus".* 22/08/2007. Disponível em: <http://www.institutorubemalves.org.br/escutatoria/>. Acesso em 25 abr. 2017.

_____. *O que é religião?* – 15ª ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.

CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. *A teologia de Rubem Alves:* Poesia, brincadeira e erotismo; Tradução Eleonora Frenkel Barreto. – Campinas, SP: Papirus, 2005.

REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores…:* o pensamento teológico de Rubem Alves. – 2ª ed. rev. atual. São Leopoldo: Oikos, 2014. E-book. ISBN 978-85-7843-430-4.

[25] ALVES, Rubem. *O que é religião?* – 15ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2014.
[26] CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 194.